

Simone Klein

De que forma a iluminação se tornou sua principal atividade como arquiteta?

Assim que me formei em arquitetura, ingressei em uma empresa de projetos de iluminação e gesso. Já tinha familiaridade com o tema, pois meu pai era engenheiro electricista. Então comecei a fazer os cursos de iluminação nos fabricantes de lâmpadas Osram e Philips. Nesses cursos, eles apresentavam grandes projetos no exterior e explicavam a geometria para aplicar cada produto, cálculo luminotécnico, e os efeitos da luz artificial. Foi quando entendi a dimensão da luminotécnica e me apaixonei pelo universo da luz. Tive certeza de que era isso que queria fazer profissionalmente. Em 2004, abri o meu escritório de projetos de iluminação com a minha irmã.

Você já atua com projetos de iluminação há mais de 20 anos. Como avalia o mercado hoje em relação ao início da sua carreira?

No início, trabalhávamos com poucos produtos, de marcas consolidadas, cujo comportamento conhecíamos com precisão. Hoje, há lançamentos constantes de novas soluções, o que exige pesquisa contínua. Por isso, priorizo visitar feiras, congressos, fábricas e lojas para ver as luminárias acesas e entender seu desempenho.

A tecnologia LED foi um divisor de águas: compacta e sem soquete, libertou a criatividade dos designers de luminárias e aproximou a iluminação do público leigo. Os clientes hoje estão mais informados e compreendem a importância da luz no conforto e na qualidade dos espaços.

O processo de projeto também evoluiu. Antes, as reuniões presenciais eram



Divulgação

Os clientes hoje estão mais informados e compreendem a importância da luz

Por Erlei Gobi

essenciais, hoje a comunicação é por mensagem. O uso do DIALux transformou minha prática: elaboro os projetos em 3D, testo as luminárias e seus níveis de iluminação e apresento os ambientes iluminados ao cliente, trazendo mais precisão técnica e clareza.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira?

Ao longo da minha trajetória, desenvolvi centenas de projetos residenciais no Brasil, que são o eixo central do meu trabalho. Também atuei em projetos relevantes como as sedes da Plancorp e da construtora Citycon, a Clínica Avelar, além

de showrooms da Artefacto, Interbagno e Eglo Iluminação, e projetos para a rede Braumeister.

Participo da Casacor desde 2004 e desenvolvi projetos para decorados de construtoras, um hotel em Brasília e uma residência em Londres. Em 2025, elaborei o projeto luminotécnico para o ambiente de quatro arquitetos da Casacor e concluí o retrofit luminotécnico de uma área da Pinacoteca Luz, um trabalho de grande significado para mim.

Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?

Uma formação em arquitetura, design de interiores ou técnica é bem-vinda para ler a planta baixa e imaginá-la automaticamente em 3D. Softwares de desenho 3D, e de cálculo luminotécnico com o Dialux para medir a distribuição de luz. Além dos conceitos de luz e ótica, é essencial treinar o olhar, observar a iluminação existente, se está adequada, como foi feita, como poderia melhorar. Desenvolver sensibilidade estética, repertório cultural e capacidade de escuta.

Você faz parte de alguma associação?

Atualmente, não faço parte de associações, embora reconheça e admire o papel que desempenham no fortalecimento da profissão.

Além da iluminação, quais são suas outras paixões?

Minha paixão é a família, explicar o mundo para o meu filho de seis anos. Gosto de filmes, museus, exposições, viagens para lugares novos, correr, nadar e tenho uma forte ligação com São Paulo e um grande orgulho do Brasil. ◀